

Criado e Educado no Lar

Por Raymond Moore

Mothering, Verão de 1990

Em 1967, quando deixei minha posição como oficial de pesquisas e programas de pós-graduação para o departamento de Educação dos Estados Unidos, me sentia frustrado. Os milhões de dólares gastos com o ensino público estavam só criando novos problemas. O foco era mais em dólares que em crianças, e esses dólares pareciam confundir as coisas em vez de ajudá-los. Depois de mais vários anos frustrantes dirigindo um centro avançado de pesquisa em Chicago, decidi, juntamente com minha esposa Dorothy e vários colegas educacionais, pesquisar algumas áreas de educação que tinham sido abandonados ou ignorados. Qual era, por exemplo, o custo de ignorar a ética de trabalho? Institucionalizar crianças pequenas era uma tendência educacional sadia? Qual era a melhor idade para a entrada na escola?

Buscamos aconselhamento de numerosos especialistas em desenvolvimento e aprendizado infantil: John Bowlby do programa de primeira infância da Organização Mundial de Saúde (OMS); Joseph Wepman da Universidade de Chicago; o psicólogo de família Urie Bronfenbrenner da Universidade de Cornell; os especialistas da primeira infância Sheldon White e Burton White da Universidade de Harvard; pesquisador de afeição paternal Robert Hess da Universidade de Stanford; autoridade em aprendizado, William Rohwer, da Universidade da Califórnia, Berkeley; e mais de 100 outros pesquisadores distintos. Embora cada uma desses eruditos tivessem crenças diferentes acerca de muitos aspectos da infância, todos recomendavam uma abordagem cautelosa ao submeter o sistema nervoso e a mente em desenvolvimento a confinamentos formais. Eles também apontavam para uma abundância de pesquisa sobre as perguntas que estávamos fazendo, uma indiferença surpreendente às descobertas, e recomendações inconsistentes. Por exemplo, especialistas em aprendizado que insistem em adiar a educação formal defendem também a frequência à pré-escola. Além disso, muitos educadores fazem pouco caso das descobertas de tais psicólogos de família como Urie Bronfenbrenner, que observou que a frequência escolar por alunos das séries iniciais pode resultar em dependência excessiva de colegas. Por que essas crianças passam mais tempo com seus colegas que com seus pais.¹

Iniciamos então uma série de análises multidisciplinares para comparação de dados de pesquisas sobre os sentidos, desenvolvimento do cérebro, cognição e coordenação das crianças. Analisamos mais de 8,000 pesquisas, 20 dos quais compararam iniciantes da escola primária com aquelas que começaram com uma idade mais avançada. Analisamos também situações em sala de

¹ Urie Bronfenbrenner et al., *Two Worlds of Childhood: US and USSR* (New York: Simon and Schuster, 1970).

aula envolvendo crianças que se portavam mal ou não aprendiam. No final, muitos problemas relacionados com a escola estavam associados com o estresse de acadêmicos precoces ou cuidados fora do lar².

Nossas pesquisas mostraram que todos os 50 estados exigem que as crianças vão à escola antes que estejam preparadas para o aprendizado formal³. Além disso, as leis exigem que os meninos comecem na mesma idade que as meninas, apesar de as avaliações de entrada mostrarem que os meninos ficam para trás de suas colegas meninas por mais ou menos um ano em termos de maturidade geral. Pesquisas sobre as diferenças de papel dos sexos entre crianças mais velhas mostram uma proporção de entre 3 e 13 meninos para cada menina em salas de recursos para as crianças com “déficit de aprendizado” e uma proporção de 8 para 1 em programas para crianças com “déficit emocional”⁴. Essas descobertas acenderam nossa preocupação e nos convenceram em focar nossas investigações em duas áreas primárias: a educação e a socialização formais. Eventualmente, esse trabalho nos conduziu a um interesse inesperado em escolas no lar.

Preparo para Educação Formal

Nossas descobertas indicam que o confinamento da educação formal é prejudicial antes da idade de 12 anos. Bronfenbrenner adverte dos perigos da associação com colegas antes do quinto ou sexto anos. William Rohwer insiste que poderíamos salvar milhões de crianças do fracasso acadêmico ao adiar os estudos formais até o ginásio⁵. E ao passo que Piaget diz que a criança média se torna capaz de operações cognitivas formais (percepções e juízos semelhante aos dos adultos) entre as idades de 15 e 20 anos, o conselheiro escolar do Texas, David Quine relata que crianças expostas à vida familiar em tempo integral durante seus primeiros anos frequentemente alcançam maturidade cognitiva entre 8 e 12⁶.

Apesar da excitação precoce pela escola, a maioria dos iniciantes com quatro, cinco, e seis anos de idade se cansa da educação por volta do terceiro e quarto anos. David Elkind, professor de estudo infantil na Universidade Tufts e autor de *The Hurried Child* (A Criança Apressada), chama essas crianças de “esgotadas”⁷. Outros pesquisadores sugerem que essas crianças seriam beneficiadas se esperassem até a idade de 8, 10 ou mais para começar os estudos formais seja em

² Ver Raymond and Dorothy Moore et al., *Better Late Than Early* (originalmente impresso por Reader's Digest Press, 1975; atualizado para uma 6ª impressão por Moore Foundation); Raymond and Dorothy Moore et al., *School Can Wait* (originalmente impresso por Brigham Young University, 1979, atualizado para uma 6ª impressão por Moore Foundation); como também monografos, artigos, e capítulos de livros disponíveis através o Moore Foundation.

³ P.D. Forgione e R.S. Moore, “The Rationales for Early Childhood Policy Making” (1972-1975). Um monografo de pesquisa preparado para o Us Office of Economic Opportunity na Universidade de Stanford.

⁴ Anne K. Soderman, “Schooling All 4 Year Olds: An Idea Full of Promis, Fraught with Pitfalls,” *Education Week* (4 de março 1984).

⁵ W. D. Rohwer, Jr., “Prime Time for Education: Early Childhood or Adolescence?” *Harvard Education Review* 41 (1971): 316-341.

⁶ David Quine, “The Intellectual Deelopment of Home-Taught Children”. Um estudo exploratório não publicado disponibilizado pelo autor, em 2006 Flat Creek Place, Richardson, TX 75080.

⁷ David Elkind, *The Hurried Child* (Reading, MA: Addison-Wesley, 1981).

casa ou na escola⁸. Crianças que adiam sua entrada na escola e subsequentemente se matriculam no mesmo nível que as crianças de sua idade, rapidamente sobrepujam os que entraram muito cedo em realizações, comportamento e sociabilidade⁹.

Nos primeiros anos, visão, audição, e outros processos cognitivos não estão suficientemente desenvolvidos para lidar com as sanções acadêmicas comuns. Como resultado da educação precoce, muitas crianças têm seus olhos permanentemente prejudicados antes dos 12 anos¹⁰. Nem a maturidade do sistema nervoso em desenvolvimento, nem a “compensação” nem a “lateralização” dos hemisférios cerebrais, nem o isolamento dos caminhos nervosos podem prover uma base para um aprendizado refletido antes dos 8 anos. Em algum lugar entre a faixa etária dos 8 aos 12 anos, a maioria das crianças atingem um Nível de Maturidade Integrado (NMI), um ponto no qual todas essas faculdades têm florescido.

O NMI é uma consideração crucial. Algumas crianças amadurecem mais rapidamente na visão, outras na audição, e outras ainda na cognição. A *soma total* dessas habilidades, entretanto, abundância de tempo para se desenvolverem. Aparte de uma avaliação NMI, é difícil saber exatamente quando as faculdades de aprendizado de uma criança se têm amadurecido, embora as avaliações paternas são frequentemente de muita ajuda.

Nossas descobertas NMI coincidem com as conclusões de Piaget e outros: *crianças, não obstante o quão brilhantes possam ser, não podem lidar com raciocínios de causa para efeito em nenhuma forma consistente nas idades em que, hoje, entram na escola*¹¹. Em apoio a esse ponto, Hasler Whitney, um distinto matemático junto ao Instituto de Estudos Avançados de Princeton, cita o estudo histórico de L. P. Benezet sugerindo que matemática não deveria ser imposta às crianças até o sétimo ano¹².

De acordo com todos os parâmetros sob análise, o preparo para o aprendizado formal, especialmente para meninos, não deveria ser admitido antes dos 12 anos. Se cuidados anteriores a isso são necessários, o lugar preferencial é um ambiente caloroso, compreensivo e semelhante ao lar, oferecendo uma baixa relação criança-adulto e valores sadios. E para crianças entre 6 e 12 anos, a melhor escolha é um ambiente de lar ou escola não acadêmico e informal no qual muitos assuntos estão disponíveis mas não impostos.

Socialização

De acordo com Bronfenbrenner e outros, crianças nos primeiros 10 a 12 anos de vida são melhor

⁸ Ver nota 2.

⁹ Ver nota 2.

¹⁰ Essa pesquisa é resumido em *School Can Wait* (A Escola Pode Esperar), pág. 150-152.

¹¹ Jean Piaget, “The Stages of the Intellectual Development of the Child”, *Bulletin of the Menninger Clinic* 26 (1926): 3; and John L. Phillips, *The Origins of Intellect: Piaget's Theory* (San Francisco: H. W. Freeman, 1969).

¹² “Math Crisis Predicted in US Classrooms”, *The Denver Post* (15 de junho 1986).

educadas no lar; são também muito melhor socializados no lar. Albert Bandura de Stanford observa que a dependência nos colegas para valores básicos em anos recentes, tem baixado para as idades pré-escolares¹³. Contrário à crença popular, no entanto, crianças são melhor socializadas pelos pais, e não por outras crianças. De fato, Bronfenbrenner diz que quanto mais crianças há em um grupo, menos contatos significativos cada uma delas tem.

Nós descobrimos que a socialização cria um molde positivo ou negativo, mas nunca um neutro. A *sociabilidade positiva* é caracterizada por atitudes altruístas e baseadas em princípios, e está firmemente ligada com a família. Isso é demonstrado tanto pela quantidade como pela qualidade de autoconfiança, auto respeito, e valor próprio que derivam dos valores e experiências providas pela família até pelo menos que a criança possa raciocinar consistentemente. Em outras palavras, crianças que trabalham, comem, brincam, repousam e interagem cada dia com os pais mais do que com colegas, sentem que são parte da corporação familiar – que eles são necessários, que precisam deles e que são importantes. Tais crianças são mais frequentemente pensadores ao invés de meramente repetidores dos pensamentos de outras crianças. Independentes e autodirigidos em sua aquisição de valores e habilidades, eles largamente evitam a dependência em colegas.

A *sociabilidade negativa* é caracterizada pelo narcisismo, comportamentos do tipo “eu em primeiro lugar”. Ela está associada com o crescente contato com grupos de colegas e o decrescente contato paterno significativo e experiências de responsabilidade no lar durante os primeiros 8 a 12 anos de vida. Influência prematura de colegas pode levar a uma indiferença para com os valores familiares. Crianças que ainda não compreendem os porquês das exigências paternas, e que passam mais tempo com os colegas de sua idade do que com seus pais, fazem aquilo que vem naturalmente: eles substituem seus pais pelos seus colegas como seu modelo a imitar. De acordo com Bronfenbrenner, tais crianças frequentemente perdem o auto-respeito, o otimismo, respeito pelos pais, e até a confiança de seus colegas¹⁴.

A Opção da Educação no Lar

A educação no lar tem se provado ser uma alternativa viável para pais preocupados com a influência das escolas sobre seus filhos. Virtualmente todos os estados (norte americanos) têm mudado suas leis e políticas através do poder legislativo ou de ações judiciais no decurso dos últimos 20 anos¹⁵. Estados que têm comparado as escolas no lar com as escolas convencionais (Alaska, Oregon, Tennessee, e Washington) têm descoberto que a educação no lar se sobressai

¹³ Albert Bandura e Aletha C. Huston, “Identification As a Process of Incidental Learning”, *Journal of Abnormal and Social Psychology* LXIII (1961): 311-318; Albert Bandura, Dorothea Ross, e Sheila A. Ross, “Transmission of Agression through Limitation of Aggressive Models”, *Journal of Abnormal and Social Psychiatry* LXII (1961): 575-582; e Albert Bandura, and Richards H. Walters, *Social Learning and Personality Development* (Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, 1963).

¹⁴ Ver nota 1.

¹⁵ Para maiores detalhes, ver “Homeschooling: A legal View” por Michael S. Shepherd e “Homeschooling: State by State” por Ross Campbell, em *Mothering*, nº 47 (Primavera 1988): 82-91.

significativamente.

Estudantes que aprendem em casa geralmente refletem um alto grau de competência tanto acadêmica como socialmente. Em um estudo de 50 famílias (predominantemente de baixa posição socioeconômica e de níveis educacionais abaixo da média) que foram levadas para a justiça por causa de algum aspecto de sua escola no lar, exames normatizados mostraram que as crianças pontuaram uma média de 80,1 por cento, ou 30,1 por cento acima da pontuação média desses testes a nível nacional¹⁶. Em termos de socialização, o estudo nacional de autoconceito de John W. Taylor descobriu que 77,7 por cento de todos os que recebem educação no lar pontuaram no topo da quarta parte das pontuações registradas. Eles também descobriram que a excelência na educação no lar tem pouco a ver com o nível educacional dos pais¹⁷.

Embora muitos pais possam não saber disso, eles são geralmente os mais excelentes professores para crianças nos primeiros 1 a 10 anos de idade – e dentro do ginásio, de fato, se forem seguidos métodos equilibrados. Um estudo da Smithsonian Institute de 23 gênios do mais alto nível descobriu que eles partilham três características distintas: pais ardorosos, amáveis e educacionalmente entusiasmados, bem como contato com outros adultos afetuosos; escasso envolvimento com crianças fora da família; e uma grande porção de liberdade criativa para explorar seus próprios interesses sob a guia paterna¹⁸. Combinados equilibradamente no ambiente familiar, e cultivado pelo saudável exemplo dos pais, esses ingredientes ajudaram a fomentar grandes caráteres e personalidades.

Pais de toda parte podem prover esse tipo de educação. A chave é equilibrar estudo, trabalho, e serviço com as necessidades do desenvolvimento da criança. Para começar, considere o seguinte plano para a educação no lar. Ele é baseado em nossas descobertas de pesquisa e referido pelos amigos como a Fórmula Moore.

- Evitar submeter seus filhos a estudo programado formal antes da idade de 8, 10 ou 12 anos, dependendo de seus níveis de maturidade geral. Não existe nenhuma evidência confiável para impelir as crianças ao estudo formal – ou mesmo a ler – antes dessas idades.
- Leia, cante e brinque com seus filhos, começando na infância. Se você para eles várias vezes ao dia, eles aprenderão a ler significativamente no seu próprio tempo – alguns adiantados como aos 3 anos, outros talvez aos 12. Os que aprendem a ler mais tarde não são menos capazes que os aprendem mais cedo. Na realidade, com sua estrutura cerebral mais amadurecida, eles frequentemente se tornam os melhores leitores de todos. Eles tendem a ter uma visão menos prejudicada, mais precisa

¹⁶ R. S. Moore, "Homeschooling: An Idea Whose Time Has Returned", *Human Events* (15 de setembro de 1984).

¹⁷ "Self-Concept in Home Schooling Children". Uma dissertação Doutoral pela Andrews University (1986).

¹⁸ Harold McCurdy, "The Childhood Pattern of Genius", *Horizon 2* (1960): 33-38.

percepção auditiva, e níveis mais altos de raciocínio cognitivo.

- Se seus filhos são leitores precoces, lembre-os de focar a vista à distância periodicamente. Para evitar vista cansada, permita-os ler de 15 a 20 minutos por vez e então supra a necessidade de focar a longa distância. À medida que crescem, combinem os momentos de leitura com oportunidades para escrever. Forneçam creiom ou giz, e muitas folhas de papel ou um quadro negro. Desta maneira, seus filhos desenvolverão gradualmente a aguçada coordenação muscular necessária para usar lápis e canetas, e para fazer detalhados desenhos e costuras.
- Quando seus filhos se demonstrarem prontos, faça-os “praticar” ortografia, fonética, e trabalho numérico, mas evite pressioná-los a estudar antes da faixa etária de 8 a 12 anos. Lembre-se também, que meninas geralmente antecedem os meninos em matéria de preparo para trabalho acadêmico. Quando a aptidão parece evidente, passe apenas alguns minutos por dia em ortografia, escrita, e aritmética. Mais importante que esses exercícios é a necessidade de identificar o que os motiva. Quais são os interesses de seus filhos? O que os faz despertar?
- Quaisquer que sejam os interesses de seus filhos (insetos, culinária, astronomia, política), abra amplamente as portas para o conhecimento. Que eles passem menos tempo estudando volumosos livros-texto e cadernos de exercícios, e mais tempo explorando projetos de seu próprio interesse sob sua guia. Encoraje leitura criativa, exploração, e observação em seus campos especiais. A motivação de uma criança é mais produtiva do que o mais enfeitado método de ensino que possa existir! É claro, alguma exposição a exames normativos e manuais os ajudarão a vencer qualquer temor de prova que se possa desenvolver.
- Ao invés de brinquedos, dê a seus filhos utensílios de cozinha, ferramentas de oficina ou de escritório, enciclopédias, globos, mapas, revistas e livros. Se o maior amor de seus filhos for por motocicletas, não fique chocado. Uma criança pode aprender muito de uma Harley ou uma Honda: a química e a física de um motor de combustão interna, economia, matemática, história e sociologia do meio de transporte, e destreza manual. Oficinas de reparos – bem como floriculturas, lojas, e asilos – são excelentes salas de aula.
- Para equilibrar o estudo, forneça atividade construtiva, empresarial, que desenvolva habilidade. Essas atividades rapidamente constroem autoconfiança, criatividade, e autocontrole. De fato, o trabalho é a mais dramática e consistente cura que existe para problemas de comportamento e de personalidade. À medida que seus filhos possam aceitar responsabilidades, dê-lhes a autoridade para administrar seu lar; eles

amadurecerão rápida e naturalmente.

- Comece cedo. Crianças podem começar a trabalhar tão logo quanto começam a caminhar. Ensine os seus pequenos que a liberdade e a autoridade acompanham a responsabilidade, e conceda-lhes responsabilidades domésticas tão pronto elas possam recebê-las. Nada de mesadas! Deixe que eles ganhem seus recursos ajudando-os a fazer (e talvez vender) biscoitos e pão, cultivar vegetais, ou como babás. Ensine-lhes a comparar preços. Decisões sobre comprar maçãs ou pêssegos ou trigo moído em oposição a guloseimas doces, podem se tornar lições imediatas de nutrição e matemática. Ou coloque seus filhos em sua conta de cheques, e deixe-os pagar as contas de serviços. Tais atividades são grandes lições de matemática disfarçadas, e elas transmitem a importância de usar o bom senso em situações reais da vida.
- Para equilibrar o aspecto materialista do empreendedorismo, abra o mundo do serviço. Crianças que são bastante jovens para visitar seções pediátricas, são quase sempre bem-vindas em asilos. Na idade de seis anos, crianças podem ajudar os idosos ou doentes capinando o jardim, removendo a neve, reorganizando os móveis, reciclando jornais velhos, colocando o lixo para fora para a coleta, ou limpando a casa. Essa é a Regra Dourada em prática. Meus próprios filhos uma vez tiveram uma sociedade secreta chamada SOS (para Serviço Sobre o Eu – inglês) que se especializou em boas obras secretas para os idosos, pobres, doentes ou inválidos. Eles se divertiam bastante lavando carros, consertando cadeiras de balanço, arrancando ervas daninhas, pintando cercas, e consertando itens do lar – embora algumas vezes eles tiveram que dizer à polícia com antecedência, a fim de que não fossem presos por roubarem itens que precisavam de reparos!

A educação no lar oferece promessa significativa para as crianças e para a sociedade. Ela merece a melhor pesquisa e interesse profissional que possamos prover. Ela também demanda paciente investigação e ponderado estudo de materiais disponíveis. Mas descanse com a segurança, se você for amável e sensível, e pode ler, escrever, contar, e falar com clareza, que você é *ipso facto* um professor por excelência.

Para Mais Informações

Moore Foundation, Box 1, Camas, WA 98607

Publicadores e compiladores de livros, monografias, e relatórios de pesquisas em desenvolvimento e educação no lar de crianças. Envie um envelope com porte pago para receber uma lista de materiais disponíveis.

Raymond Moore (74), *professor e durante muito tempo um pesquisador educacional, é*

presidente da Fundação Moore, palestrante, e autor de mais de 60 livros e artigos sobre desenvolvimento humano. Raymond tem estado casado a 51 anos com Dorothy Moore, e eles são pais de dois adultos e “pais ajudantes” de cinco outros.

***Nota:** Dorothy Moore faleceu em 2002. Dr. Raymond Moore tem 88 anos de idade.